



FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO

Graduação

GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Dificuldades na Alfabetização no Ensino Fundamental

Edirene Aparecida da Silva
Profª Me Vivian Bonani de Souza Girotti (Orientadora)

RESUMO

Muitas crianças apresentam dificuldades para desenvolver o processo de alfabetização, dificuldades essas que não estão relacionadas a transtornos ou déficits e sim ao contexto que se desenvolvem. Nesse sentido, esse trabalho tem a finalidade de através de estudos, discutir a importância de contextos como família e escola durante o processo de alfabetização. Para tanto, utilizou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica e descreveu-se assuntos necessários para esse entendimento. Desse modo foram descritos contextos que dificultam a alfabetização, e como deveriam ser para interferir de forma positiva nesse processo, entre outros pontos que se considerou importantes. A importância desse estudo é que através dele houve um entendimento da necessidade de uma estruturação adequada destinada a criança, por parte da família e da escola, e ainda dificuldades que se apresentam durante a alfabetização quando há falhas por parte dos contextos família e escola.

Palavras-chave: Alfabetização. Dificuldades. Família. Escola. Professor.

ABSTRACT

Many children have difficulties to develop the literacy process, difficulties that are not related to disorders or deficits but to the context that they develop themselves. In this sense, this work aims to, through studies, discuss the importance of contexts such as

family and school during the literacy process. For that, a bibliographic research was used and subjects necessary for this understanding were described. In this way, contexts were described that hinder literacy, and how they should be to positively interfere in this process, among other points that were considered important. The importance of this study is that through it there was an understanding of the need for an adequate structure for the child, both at school and in the family, and also difficulties that arise during literacy when there are failures in that contexts.

Keywords: Literacy. Difficulties. Family. School. Teacher.

Introdução

No presente trabalho descreve-se sobre as dificuldades da criança durante o processo de alfabetização no ensino fundamental, as quais muitas vezes não estão relacionadas a transtornos ou déficits que podem apresentar e sim relacionadas ao contexto que essa criança se encontra, como aquelas relacionadas aos contextos familiar e escolar.

Segundo Szymanski (2004), é na família que a criança começa a constituir-se como sujeito. Cada família possui sua própria cultura, valores, hábitos e constituição de infância que sofre influência da classe social a qual a criança pertence. As práticas educativas familiares influenciam na inserção das crianças nas demais instituições.

Papalia (2006) ressalta a importância de o aluno ter um lugar adequado para estudar, pais preocupados e interessados em saber como andam as coisas na escola do filho, pais que motivam o filho, valorizando a educação e ajudando seus filhos a superar as dificuldades.

A prática do professor, o contexto escolar e até mesmo o afeto (falta) pode interferir no aprendizado do aluno. Nesse sentido, pode-se perguntar o que a família, a escola e o professor podem fazer para minimizar os efeitos de problemas que dificultam a alfabetização?

A BNCC é um documento existente no Brasil, que tem por função regulamentar as aprendizagens que a escola deve trabalhar com seus alunos.

As várias teorias da aprendizagem são variações de como se aprende e as relações com o conhecimento. As muitas perspectivas sobre o sujeito que aprende e

constrói conhecimento, quando levadas ao espaço pedagógico abre possibilidades de trabalho com a criança no que diz respeito a planejar, motivar, se relacionar, afetivo, cognitivo, considera o aluno e suas dificuldades (BARONE et al. 2011).

Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi discutir a importância de contextos como família e escola durante o processo de alfabetização. Para tanto, utilizou-se uma pesquisa de natureza bibliográfica e descreveu-se assuntos necessários para esse entendimento.

Portanto organizou-se o presente trabalho falando sobre o processo de alfabetização, a importância da família, o papel da escola e do professor, seus deveres e habilidades durante o desenvolvimento desse processo.

1 O processo de alfabetização

1.1 A BNCC e os anos iniciais do ensino fundamental (alfabetização)

A Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017) é um documento que regulamenta quais são as aprendizagens que a escola deve trabalhar para promovê-las, e assim garantir o desenvolvimento pleno das crianças. Nesse sentido torna-se importante destacar os aspectos do documento que se relaciona com os anos iniciais e a alfabetização.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), há muitos desafios na hora da elaboração curricular para essa etapa da escolaridade, considerando que crianças nessa idade passam por mudanças nos aspectos físicos, cognitivos, sociais e emocionais.

A BNCC (BRASIL, 2017) dita que com crianças nos anos iniciais do fundamental deve-se trabalhar considerando experiências vivenciadas na educação infantil (valorizar o lúdico). Nessa fase da vida as crianças passam por mudanças no desenvolvimento que interferem em suas relações consigo mesma e com os demais. Há a ampliação de suas interações no espaço e o uso social da escrita e da matemática constrói novas aprendizagens.

A BNCC (BRASIL, 2017) explica que também nessa fase, aumenta-se elementos importantes para a apropriação da escrita e dos signos matemáticos, esses

elementos são as experiências para o desenvolvimento da oralidade, percepção, compreensão e representação.

As experiências familiares, sociais e as interações tecnológicas, segundo a BNCC (BRASIL, 2017), estimulam a curiosidade e com isso a criança passa a perguntar mais. A estimulação da criatividade, da lógica e da criticidade através do perguntar, do uso de tecnologias e comunicação, amplia a compreensão de si mesmos e da sociedade.

Segundo a BNCC (BRASIL,2017), os trabalhos realizados com crianças do ensino fundamental de séries iniciais, devem ser organizados a partir do interesse da própria criança, de suas vivências, ampliando assim operações cognitivas mais complexas, facilitando o aprender o mundo, falar e atuar nele.

Na BNCC (BRASIL, 2017) está afirmado que a criança que desenvolve novos olhares sobre o mundo, tem a oportunidade de praticar a leitura e a escrita de maneira mais significativa.

1.2 Teorias de Aprendizagem

Existem teorias da psicologia que estão preocupadas em definir como o indivíduo aprende. Como exemplo as teorias de Henry Wallon, Vygotsky e Jean Piaget, portanto serão apresentadas as principais ideias desses autores. Não parece fazer sentido tratar do tema alfabetização, considerando a relação ensino-aprendizagem, sem apontar as contribuições de algumas teorias da aprendizagem que buscaram investigar o tema. É através do estudo e tendo como base várias teorias, que o professor pode conhecer métodos e técnicas que possibilitam a aprendizagem do aluno.

1.2.1 A teoria de Henri Wallon

Segundo Barone *et al.* (2011), a teoria de Wallon afirma que o desenvolvimento humano é contínuo e dividido em etapas chamadas de Impulsivo emocional (zero a doze meses), sensório motor e projetivo (um a três anos), personalismo (três a seis anos), categorial (seis a onze anos), quando a criança desenvolve capacidade de memória e atenção, há a exaltação da inteligência sobre a emoção, e puberdade ou

adolescência (a partir dos onze, doze anos), com características estabelecidas pela maturação, condições materiais e culturais.

Wallon em sua teoria descrita por Barone *et al.* (2011), diz que a pessoa se constitui por momentos afetivos e cognitivos articuladamente e que a origem da inteligência além de genética é social (se desenvolve enquanto a pessoa se relaciona com o meio). O ser humano se constitui e se transforma a partir das relações sociais.

Para Barone *et al.* (2011), de acordo com Wallon, a escola é o grupo social onde a criança mais participa, e afirma que para que a criança aprenda, a atividade deve despertar interesse, porque quando a atividade é envolvente a criança apodera-se dela e aprende. Entre os seis e sete anos a criança conquista a capacidade de autocontrole, assim consegue concentrar-se mais tempo em uma atividade.

Sabe-se que um professor lida normalmente com dificuldades de aprendizagem de diferentes origens e para que tenha sucesso no ensino-aprendizagem é de extrema importância que esse profissional saiba trabalhar a dimensão afetiva de seu aluno, trabalhando situações onde seu aluno tenha prazer de fazer algo novo e aprender.

Para Wallon a criança depende do outro, são as interações sociais que trazem o aprendizado. É importante que o professor compreenda o processo ensino-aprendizagem e não apenas a dificuldade de aprendizagem de seu aluno, porque além do cognitivo o aluno aprende nas relações sociais e de afeto que acontecem através adulto educador (BARONE *et al.*, 2011)

Segundo Barone *et al.* (2011), o educador deve aproximar das necessidades e possibilidades de seu aluno, considerando o momento e o estágio que a criança se encontra, deve estar sempre investigando, observando o aluno. A teoria de Wallon afirma que o professor deve considerar a criança em sua totalidade.

Para Wallon a ideia de mediação permite que se incorpore na escola, ações que estruture o aprendizado através de trabalhos em grupo ou pares, atividades recreativas, de competição e jogos (DESSEN; POLONIA, 2007)

Segundo Cerisara (1997), a maneira como Wallon vincula movimento, emoção e cognição da aos professores possibilidades para proporcionar diferentes tipos de afeto, como exemplo, um toque na pele, um toque da fala e um toque no olhar. Em

cada etapa do desenvolvimento existe diferentes maneiras de trabalhar o afetivo e o cognitivo.

O aumento da competência, diminui a carga emotiva. Assim pode-se realizar uma "terapia cognitiva" onde a aprendizagem, portanto, o trabalho com o cognitivo assume um caráter terapêutico de resgate da autoimagem. Esta perspectiva vai contra a ideia unidirecional e causal que a pedagogia tem do cognitivo e do emocional. A relação não aprendizagem-problema emocional pode e deve ser trabalhada via o refinamento da aprendizagem, assumindo uma dimensão curativa no nó emocional. (CERISARA, 2004)

1.2.2 A teoria de Vygotsky

Segundo Barone *et al.* (2011), a teoria de Vygotsky diz que a aprendizagem favorece o desenvolvimento e esse favorece novas aprendizagens. O aprendizado antecede o desenvolvimento. As pessoas aprendem por meio de interação social e todo mundo é capaz de aprender. Uma pessoa ativa, histórica e social, deixa marcas que serão apropriadas por outras pessoas de seu grupo social.

Para Barone *et al.* (2011), Vygotsky afirma que através da escola ocorre a sistematização da aprendizagem para construção do conhecimento. Os conceitos devem ser ensinados para o aluno considerando o que ele sabe. Concordando com Vygotsky, Barone *et al.* (2011), diz que aprendizagem e o desenvolvimento caminham juntos desde que a criança nasce. Ela nasce com potencialidade para aprender, e ao aprender desenvolve a inteligência, que é formada através da linguagem oral, escrita, atenção, memória, pensamento e controle de sua conduta.

Barone *et al.* (2011), descrevendo a teoria de Vygotsky, afirma que a aprendizagem possibilita o desenvolvimento e se divide em duas zonas, zona de desenvolvimento real (habilidades que a criança possui) e zona de desenvolvimento proximal (aquilo que a criança é capaz de fazer com auxílio de outra pessoa) indica o desenvolvimento muito mais que aquilo que a crianças faz sozinha. A ação educativa deve ter início a partir do momento que o professor identifique o que a criança sabe fazer sozinha, a partir daí atuar na zona de desenvolvimento proximal e favorecer avanços.

Para Barone *et al.* (2011), Vygotsky explica que o conceito de zona de desenvolvimento proximal, possibilita a compreensão da dinâmica interna do desenvolvimento individual. A criança quando trabalha em interação com o professor ou as vezes até mesmo um colega de turma mais experiente, tem a oportunidade de

rever suas concepções e guarda consigo o que lhe fizer sentido. Por meio de uma prática mediadora o potencial da criança se concretiza em ação.

Segundo Barone *et al.* (2011), a aprendizagem significativa de acordo com Vygotsky é firmada na atividade social, no compartilhamento de experiências externas e nas representações construídas pelo sujeito individual e socialmente.

1.2.3 Teoria de Jean Piaget

Barone *et al.* (2011), concordando com Piaget afirma que o conhecimento é o resultado da interação do sujeito com o ambiente. Construimos nosso desenvolvimento a partir da interação ativa com o meio. Para Piaget o ser humano desenvolve para aprender.

Segundo Barone *et al.* (2011), Piaget diz que o desenvolvimento cognitivo começa com uma capacidade inata de adaptação ao meio. Ocorre através dos processos de organização, adaptação e equilíbrio, onde a organização é a criação de novas estruturas cognitivas para organizar experiências com o mundo exterior. A adaptação é o modo de lidar com novas informações e ocorre através dos processos de assimilação (incorporação da informação nova a estrutura cognitiva existente) e acomodação (ajuste das estruturas cognitivas para encaixar a nova informação). Por último a equilíbrio, que é um ponto de equilíbrio entre a assimilação e a acomodação, necessário para uma interação eficiente entre a criança e o meio.

Barone *et al.* (2011) afirma que Piaget para falar de desenvolvimento cognitivo, fez uma divisão em estágios, onde em cada momento do desenvolvimento uma estrutura é responsável por uma forma de abordar o meio e emitir respostas. Esses estágios são denominados:

- Estágio Sensório motor (0 a 2 anos), período que vem antes da linguagem. O desenvolvimento cognitivo vem antes da linguagem, existe uma inteligência antes da fala. Fase em que a criança utiliza ações e percepções que é o que estimula as estruturas mentais.
- Estágio Pré-operatório (2 a 7 anos), há a modificação na qualidade de inteligência e inicia-se o pensamento com linguagem, estágio da representação (por meio de construções cognitivas).

Nesse estágio a criança usa representação, mas existe assimilação, acomodação e equilíbrio. Há o desenvolvimento de estruturas mentais.

- Estágio Operatório-concreto (7 a 11/12 anos), estágio da inteligência operacional concreta, momento decisivo para construir instrumentos do conhecimento.

A criança tem capacidade de pensar uma ação e de reverter esse pensamento, isso apenas em cima de objetos que ela manipule, situações que vivencie (age com inteligência operacional).

- Estágio Operatório formal (11 a 12 anos até a idade adulta), a partir desse estágio as crianças avançam para raciocínios formais e abstratos. As deduções lógicas podem ser feitas sem objetos concretos.

Segundo Barone *et al.* (2011), Piaget diz que o ritmo do desenvolvimento exerce influência sobre a aprendizagem, e por isso algumas crianças podem não aprender certos conteúdos, por não ter instrumentos cognitivos necessários. A aprendizagem sofre influência do nível de desenvolvimento atingido pela criança.

Netto e Costa (2017), afirmam que a base teórica é o que dá o poder de compreender a prática pedagógica de maneira que ela seja observada, estudada e modificada pelos professores quando necessário. Wallon, Vygotsky e Piaget, em esse caso estão representando alguns teóricos que buscaram explicar a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

As teorias desenvolvidas por eles, segundo Netto e Costa (2017), são modelos científicos que explicam como ocorre o processo ensino-aprendizagem na história da psicologia da educação, respondendo dúvidas que podem surgir nas situações de ensino.

Para Netto e Costa (2017), cada teoria oferece diferentes respostas para dificuldades encontradas por professores em diferentes espaços, tempos, situações sociais, políticas e econômicas.

Santos (2018) diz que para que as crianças sejam alfabetizadas devem saber o porquê de ler e escrever, a função social dessa prática, e ter um profissional capacitado para ensinar.

Segundo Santos (2018), Emilia Ferrero, afirma que enquanto aprende a criança passa por avanços e recuos, até aprender definitivamente. O professor deve entender

e respeitar o desenvolvimento de cada criança, porque esse processo não tem a ver com inteligência.

“A aprendizagem não é provocada pela escola, mas pela própria mente das crianças, elas chegam a seu primeiro dia de aula com conhecimento” (Ferreiro, 1996. p.53). Ao professor cabe mediar esse conhecimento prévio para transformá-lo em crítico e útil.

Segundo Soares (1985), a alfabetização é considerada existente quando uma criança aprende a língua materna, porém o processo de desenvolvimento da língua oral e escrita, nunca se interrompe. Definimos a alfabetização como processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e da escrita, e para que ela ocorra depende de contribuições das perspectivas psicológicas, psicolinguísticas, sociológicas e linguísticas.

Para Soares (1985), as perspectivas psicológicas estudam os processos psicológicos (atenção, memória, linguagem, motivação, aprendizagem etc.) que são pré-requisitos para alfabetização, por meio dos quais o indivíduo aprende ler e escrever. As perspectivas psicolinguísticas (conexões entre a linguagem e a mente) focam na maturidade linguística da criança para aprendizagem da leitura, escrita e relações entre linguagem e memória. Já as perspectivas Sociolinguística estudam as relações entre a sociedade e a língua, a alfabetização é relacionada com o uso social da língua.

Soares (1985) afirma que quando a criança chega à escola, traz com ela determinado dialeto que pode estar próximo ou bem distante da língua convencional. Crianças que convivem com pessoas que falam de maneira mais próxima as normas cultas da língua terão maiores facilidades na alfabetização comparadas a crianças de classes populares que em geral dominam um dialeto distante da língua escrita.

Quanto as habilidades linguísticas, Soares (1985), afirma que nessa perspectiva o processo de alfabetização é de transferência temporal da fala para espaço direcional da escrita e transferência do som para gráfica da escrita. Relações entre grafemas (é letra, símbolo gráfico utilizado para constituir palavras) e fonemas (unidade sonora utilizada para formar e distinguir palavras).

Soares (1985) afirma que uma escola com preconceitos culturais e linguísticos afeta o processo de alfabetização. Além das perspectivas psicológicas,

psicolinguísticas, sociolinguísticas e linguísticas, temos a influência de fatores sociais, econômicos, culturais e políticos, que também interferem na alfabetização. Um sistema de comunicação escrita é sempre marcado por valores culturais, atitudes e pelo contexto, tanto econômico como social.

Exemplos de fatores que interferem na alfabetização segundo Santos (2018):

- A afetividade, que é a capacidade de expressar sentimentos e emoções que podem ser agradáveis ou não. Autores como Piaget e Wallon dão extrema importância ao afeto no que se refere ao desenvolvimento da inteligência;
- Fatores sociais, neste caso representados pelas condições em que a família vive, afetam o desenvolvimento da aprendizagem.

Segundo Soares (1985), formação e constante atualização dos professores é o que o leva a compreender essas facetas e fatores que influenciam na alfabetização. Mas infelizmente nem sempre isso é possível, há muitos professores que fazem anos se formaram e estão estagnados em isso. É necessário que um professor esteja em constante evolução e para isso deve fazer cursos, novos estudos, para evoluir e aprimorar seus conhecimentos.

Porém para que o processo de alfabetização aconteça, depende de alguns contextos, como exemplo a família e a escola.

2 A Família e seu reflexos na alfabetização

Segundo Nogueira (2006), as famílias mudaram sua constituição tradicional, o filho que um dia foi visto como futuro gerador de uma nova renda, passa a ser em muitos casos centro da atividade familiar, onde sua função é realizar necessidades afetiva dos pais. Há a substituição da família organizada em hierarquia, para uma família igualitária. Surgem novos valores em educação, respeito na individualidade e mais liberdade no convívio pais e filho.

Tudo se passa como se o êxito do filho constituísse uma espécie de símbolo do êxito pessoal dos pais, do bem fundado de seus valores e de sua concepção de educação; como se esse êxito se tornasse para os pais um critério fundamental de sua autoestima (Nogueira, 1992, p.119, tradução da autora).

Segundo Souza e Sarmiento (2009). O sucesso dessa criança vem da escola e da família. Há a necessidade de as famílias facilitarem o aprendizado de seus filhos

em casa, auxiliando em seus estudos, lendo para os filhos, ajudando com projetos, materiais necessários e comparecendo a escola sempre que necessário.

Segundo Stimieski (2010) existem vários estilos de famílias, mas o que realmente importa é a existência de harmonia e segurança para a criança. A diversidade da família não pode ser motivo para negligenciar ou deixar para a escola o que é dever da família e da escola. Deve ser feita uma parceria para garantir as necessidades da criança em seu desenvolvimento.

Para Stimieski (2010), uma família tem grande influência no comportamento infantil, que é demonstrada nos valores pessoais, nas atitudes sociais, na conduta da criança e tem capacidade para despertar o desejo de aprender ou o desinteresse.

O cuidado, o apoio, a afetividade dos pais, afirma Stimieski (2010) que são elementos de grande influência no desenvolvimento da maturidade, da independência, da auto confiança e da autonomia da criança. Uma criança aceita, compreendida, valorizada e que seus pais participem de sua vida escolar, tem grandes possibilidades de se desenvolver bem nos estudos.

Stimieski (2010) diz que a constante interação da família com a escola propicia maiores chances de ajustamento cultural, social e emocional.

Um dos problemas encontrados na aprendizagem para que o aluno seja alfabetizado, é o contexto socio-econômico-cultural mais baixo da família a qual essa criança pertence (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2000).

Muitas famílias com pais com pouquíssimo ou até mesmo nenhum estudo, não conseguem auxiliar seus filhos, tirar dúvidas que trazem da escola, essas crianças não têm acesso a bens culturais. Em muitos casos a moradia dessa criança também não oferece condições necessárias de estudo (CAPOVILLA; CAPOVILLA, 2000). A criança não tem um lugar na casa que auxilie na concentração de seus estudos e até mesmo pior que isso, não tem sequer uma alimentação necessária para seu desenvolvimento.

Segundo Cunha et al. (2003) problemas como abandono, separação dos pais, perda de entes queridos, falta de estabilidade emocional, ansiedade e um ambiente desfavorável ao afetivo acarretam dificuldades de aprendizagem. A relação afetiva é ligada a capacidade de aprendizagem e é necessária essa compreensão por parte da

escola e do professor porque esse é um fator que pode contribuir as dificuldades de alfabetização.

Deve-se considerar a teoria de aprendizagem de Wallon, que afirma que a afetividade é um fator importante durante o processo de aprendizagem.

De acordo com Dessen e Polonia (2007), uma criança que vive amparada de uma boa estrutura familiar tem maiores chances de aprendizagem e desenvolvimento adequado. Bons laços afetivos com a família, garantem apoio psicológico, criam uma rede de apoio que pode ser ativada em momentos difíceis, auxiliando a criança na busca de soluções.

A existência de uma família mal estruturada onde exista muito estresse, conflitos, falta de afeto, violência familiar, falta de atenção necessária à criança, segundo Dessen e Polonia (2007), prejudica muito o desenvolvimento, a capacidade de concentração, o aprendizado e o desenvolvimento de competências sociais. A falta do ensino de valores, o abandono e a negligência da família, desestrutura o desenvolvimento psicológico e emocional da criança, podendo assim levá-la até mesmo a ser violenta (isso como forma de chamar a atenção) também compromete o desenvolvimento escolar. A ausência dos responsáveis nos cuidados e na educação, caracteriza-se como abandono.

Descreve-se como exemplo a pesquisa realizada por Sawaya (1992), que após dois anos de trabalho com crianças de camadas populares, concluiu que a precária condição de vida dessas crianças se refletia no aprendizado.

Sawaya (1992) observou a linguagem oral, as crianças utilizavam metáforas, trocadilhos, piadas e gozações para escapar de agressões por parte dos adultos. Em muitos casos essas crianças tinham a função de informantes do bairro, levando e trazendo informações aos adultos sobre situações de enchentes do bairro, batidas policiais, despejos de amigos e familiares.

Segundo Sawaya (1992) muitos mostraram a certidão de casamento dos pais, registro de batismo, fotos de aniversário, tudo isso com a intenção de comprovar que eram família decente. Viviam em barracos, onde se podia observar a existência de livros, álbuns de figurinha e jornais que serviam para tapar buracos na parede.

Relata Sawaya (1992) que alguns pais diziam que eram leitores, mas incapazes de ensinar o filho, se declaravam analfabetos na hora de auxiliar a criança com deveres que traziam da escola.

O bairro tinha leitores oficiais diz Sawaya (1992), e esses auxiliavam no caso de alguém receber uma carta. Os dados constatados nessa pesquisa segundo Sawaya (1992) abalam, e irão constituir a bagagem dessas crianças até a escola, na aquisição da leitura e da escrita, além disso carregam consigo seus medos e seus desejos infantis. Com isso podemos pensar em pobreza, carência cultural, deficiência de linguagem entre outras circunstâncias que dificultam a alfabetização. Em se tratando de questões sociocultural, considera-se a afirmação de Vygotsky quando diz que a aprendizagem significativa é firmada na atividade social, no compartilhamento de experiências externas e nas representações construídas pelo sujeito individual e socialmente.

Para Sawaya (1992) o ambiente familiar é a base que sustenta o emocional da criança, sua desestruturação pode causar problemas como baixa autoestima, dificuldades de socialização, comunicação, indisciplina etc. O auto conceito também é muito importante e quanto mais se aceitam socialmente, melhor se saem na alfabetização.

Além do contexto familiar, a escola, o professor e seus aportes são de suma importância para alfabetização.

3 A Escola, os professores e seu reflexos na alfabetização

Nos primeiros anos do ensino fundamental a alfabetização é o objetivo da escola. É nessa fase que se desenvolve a consciência fonológica e a criança vai conhecer o alfabeto do Brasil. O aluno deverá apropriar-se da ortografia de nosso país, perceber as relações entre os sons da fala e as letras da escrita. Esse processo é bem complexo e pode durar até dois anos.

Souza e Sarmiento (2009) relataram que na atual competitividade e evolução da sociedade, a escola tem de prover estratégias e ações no trabalho para o desenvolvimento pessoal, social e profissional de seus alunos.

A escola, portanto, para Souza e Sarmiento (2009), deve abrir portas para uma relação de parceria com as famílias, considerando que esta é a primeira responsável pela formação global do educando. É por meio da educação que a sociedade busca passar o melhor de si, um conjunto de seus valores e nela se deposita esperanças de um futuro melhor.

Segundo Souza e Sarmiento (2009), por muitos anos a escola se constituía a margem da sociedade e a família somente era convidada a estar presente na escola como expectadora ou para ouvir reclamações sobre seus filhos. A escola se sentia ameaçada com a presença da família, porque a família se aproximava da escola para culpá-la pelos insucessos de seus filhos e criticar os métodos de ensino.

Souza e Sarmiento (2009) relata que aos redores do século XX a família passa a ser vista como colaboradora da escola e hoje é cada vez mais bem vinda e necessária. Nessa época, iniciou-se a massificação das escolas, e com isso muitos problemas e desafios, fazendo-se assim necessária a união com as famílias, para realizarem juntas um trabalho de colaboração entre responsáveis. Hoje a escola cobra a presença da família e pede para que estejam atentos e participem na vida escolar dos filhos. Há a partilha de responsabilidades escola/família na educação e formação das crianças.

O trabalho dos professores é de suma importância, principalmente em se tratando de professores alfabetizadores, Zibetti e Souza (2010) afirmam que eles necessitam orientar seus alunos diante de regras que organizam a convivência com os companheiros de turma e que facilitem o trabalho em sala de aula. As regras devem ser construídas com a participação dos alunos.

Zibetti e Souza (2010) entendem que o desafio de coordenar uma turma de crianças pequenas é diário e exige sabedoria e organização do professor. Para cada aula um professor cria formas de intervenção, de acordo com seus alunos e a situação proposta.

A atuação de um professor em sala de aula não pode ser considerada como modelos pré-existentes ou regras, segundo Zibetti e Souza (2010) deve estar sempre atualizando-se de acordo com os desafios encontrados, assim será cada vez mais promissora as oportunidades do ensino-aprendizagem.

...encontros educacionais são situações em que professores e alunos seguem regras normativas, culturalmente aprendidas, mas também

inovam juntos, dando novos sentidos a circunstâncias do momento. Nesse processo, os alunos são considerados participantes ativos e não apenas destinatários da ação do professor (Zibetti e Souza 2010 apud Erickson, 1982).

Zibetti e Souza (2010) concordam que muitas vezes o saber de anos de experiência de um professor não supre a necessidade de resolução de uma situação, seja pelo motivo de estar com um diferente grupo de alunos ou de não possuir materiais adequados. Nesse momento de dificuldade o professor encontra diferente forma para seguir adiante, mesmo com algumas mudanças em sua didática, encontra diferentes caminhos e assim diferentes aprendizados de acordo ao contexto atual, isso através da reflexão e de um novo saber.

Conforme Zibetti e Souza (2010), podemos caracterizar o trabalho docente como atividade criadora, um professor está sempre criando e enfrentando desafios da prática pedagógica, está em constante desafio.

A natureza histórico cultural do gênero humano (produzidos e transformados intencional de si mesmo através de seus bens e conhecimentos socialmente plasmados) é necessária e ineliminavelmente, criadora. Assim sendo, toda e qualquer atividade humana que transforme intencionalmente materiais de qualquer natureza, é necessária e essencialmente, criatividade. (Zibetti e Souza, 2010, p.9, grifos dos autores).

Um professor bem preparado saberá utilizar e preparar materiais didáticos para alfabetização e utilizar estratégias necessárias. Considerando a teoria de aprendizagem de Piaget, a criança na idade de alfabetização no ensino fundamental está no estágio de desenvolvimento denominado por Piaget pré-operatório, onde há modificação na qualidade de inteligência e inicia-se o pensamento com linguagem.

Baseado nessas afirmações o professor poderá ensinar entre outras formas, através de brincadeiras, que são capazes de auxiliar as fantasias, estimular conhecimento, onde a criança terá a oportunidade de aprender novas palavras.

Perrenoud (2000), afirma que há professores que não se importam que seus alunos não tenham interesse em aprender, mas felizmente existem muitos que se preocupam e sabem que seus alunos podem aprender brincando e tendo prazer. Nem sempre isso bastará porque aprender necessita tempo, esforços e as vezes ter de passar por frustrações por não aprender.

Conforme Perrenoud (2000), depende da motivação do professor e da vontade do aluno de aprender, de desejar saber. Ensinar é reforçar a decisão de aprender, estimular o desejo de saber. Uma criança pode não saber o que significa ler no sentido cognitivo, mas tem noção do importante que é através do convívio com a sociedade. “Os professores parecem ser os primeiros artesãos, até mesmo os responsáveis pelo que a escola faz às famílias” (Perrenoud, 1994b).

São os professores segundo Perrenoud (2000), que na maioria das vezes, encaram os pais, sanam dúvidas e até mesmo ouvem desaforos. Um professor carrega um poder na instituição escolar, que está além dele. Quando pais e professor se compreendem, são parceiros, descobrem que a colaboração é fecunda.

Para Perrenoud (2000), o diálogo com os pais é questão de identidade, de relacionamento com a profissão e divisão das tarefas com a família. Cabe ao professor envolver os pais e conquistar proximidade. Apesar de saber que é um profissional qualificado, o professor, para que consiga a confiança dos pais deve sempre que possível explicar seu trabalho, o que faz e por quê.

Escolas recebem diversos alunos com variados históricos, que trazem consigo em muitos casos, condições econômicas desfavoráveis (péssimas condições econômicas), falta de estímulos nos estudos por parte da família, dificuldades que provém de situações culturais, biológicas, sensoriais. Todos esses dados podem ser diagnosticados em algum momento, como dificuldades de aprendizagem e como consequência trazem dificuldades na alfabetização.

Há a necessidade de intervenção da escola, do professor e da família, se ninguém intervir nessas dificuldades, além da grande dificuldade na alfabetização pode causar complicações como frustrações e baixa autoestima.

É necessário, afirma Souza e Sarmiento (2009), um ambiente escolar que incentive e promova estratégias que mais se adequem a realidade de seus alunos.

De acordo com Souza e Sarmiento (2009), ocorreram várias mudanças no sistema de ensino com o passar dos anos e surgiram novas pedagogias que se atentam e adaptam o ensino a natureza da criança. O aluno deixou de ser passivo e agora é ativo no ensino-aprendizagem. A escola deve trabalhar a partir do aprendizado que traz a criança e estar em constante comunicação com a família (NOGUEIRA, 2006).

Segundo Mai (2010), aproximadamente ao ano de 1985, Emília Ferreiro e Ana Teberosky, afirmaram que a alfabetização acontecia de forma natural e gradativa. A criança aprende quando é estimulada e tendo contato com a leitura e a escrita.

Para Mai (2010), o professor deve considerar a bagagem histórica e cultural de cada aluno. Considerando esses fatos, alfabetizar seria a condução do aluno a descobertas, construção de conhecimentos respeitando sua individualidade.

Mai (2010) diz que segundo Emília Ferreiro a criança passa por níveis de alfabetização.

o pré-silábico¹: nesse nível a criança ainda não estabelece uma relação necessária entre a linguagem falada e as diferentes formas de uma representação, acreditando que se escreve com desenhos. O pré-silábico²: a criança já usa sinais gráficos, abandonando no traçado os aspectos figurativos daquilo que quer escrever. É considerado como um nível intermediário e representa a maneira de passar de nível a outro de maior complexidade. A criança descobre que desenhar não é escrever. Nível silábico: quando a criança sai do nível pré-silábico e entra no nível silábico, deixa de se apoiar em ideias de vinculação de aspectos figurativos referentes à palavra que o representa. No nível silábico a criança encontra uma nova fórmula para entrar no mundo da escrita, descobrindo que pode escrever uma letra para cada sílaba da palavra e uma letra por palavra ou frase. Na fase do nível silábico alfabético também não satisfaz completamente a criança, e ela prossegue sua pesquisa em busca de uma solução mais completa que só será alcançada por intermédio da fonetização da sílaba, ou seja, a constituição das sílabas. Ao chegar ao nível, a criança já franqueou a 'barreira do código', compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros dos fonemas das palavras que vai escrever. (MAIA, 2010 apud MORAES, 2003, p. 11,12).

Segundo Maia (2010 apud MORAES, 2003) é o professor quem deverá interpretar, compreender cada nível, cada atividade desenvolvida por seus alunos. As dificuldades apresentadas pelos alunos necessitam de estímulos para serem superadas, e o professor deve considerar o tempo de cada aluno.

Maia (2010 apud MORAES, 2003) afirma que os temas trabalhados em sala de aula deverão ser contextualizados para que tenham significado para a criança. A criança que interage com as letras, pode construir hipóteses e estratégias para escrever. O aluno deve ter vivências que despertem seus interesses.

De acordo com Maia (2010 apud MORAES, 2003) a escola deve favorecer o aluno fazendo que ele se sinta motivado, com essa atitude a alfabetização se tornará algo natural, prazeroso e espontâneo.

Para aprender o aluno necessita ter participação ativa, através de sua participação ele aprofunda e contextualiza seus conhecimentos, constrói hipóteses e toma decisões (SOUZA; SARMENTO 2009 apud NUNES; OLIVEIRA, 2009).

Quando falamos em dificuldades de aprendizagem, estamos nos referindo a prejuízos, atrasos, desordens no entendimento de explicações, as quais suas origens podem sofrer variações e muitas podem não ser de ordem biológica. Podem surgir de problemas pessoais, culturais e sociais, como já citado.

Considerações Finais

O presente trabalho contribui para estudos na área da pedagogia, descreve problemas que se convertem em dificuldades na alfabetização de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental e ao mesmo tempo cita contextos necessários para apoiar o aprendizado dessas crianças.

Explica de forma resumida teorias de autores da psicologia, e concorda-se com eles como quando Wallon afirma que uma atividade que desperte o interesse, além de ser envolvente, faz que a criança aprenda.

Na idade da alfabetização (entre seis e sete anos), a criança conquista o auto controle e assim pode concentrar-se por mais tempo, o que facilita o aprendizado. Além do cognitivo, a criança aprende nas relações sociais e de afeto, que acontecem entre ela e o educador.

Em se tratando de Vygotsky é de grande importância considerar o que ele afirma quando diz que a criança nasce com potencialidades para aprender e ao aprender desenvolve a inteligência e que a ação educativa deve ter início a partir do que a criança sabe fazer sozinha.

É considerada a afirmação de Piaget que diz que construímos nosso desenvolvimento a partir da interação ativa com o meio e o ritmo do desenvolvimento exerce influência sobre a aprendizagem.

Considera-se a grande importância da atuação da família, dos cuidados dispensados as crianças e do afeto dedicado as mesmas, como favoráveis no auxílio a alfabetização.

Esse trabalho deixa em evidência que a situação socio-econômica-cultural da família vai interferir de forma significativa na aprendizagem.

Pais com pouco ou nenhum estudo não tem condições de auxiliar seus filhos em tarefas escolares e casas que não trazem um local propício para que a criança estude e faça suas tarefas, podem prejudicar o aprendizado.

Quando há desestruturação familiar, como exemplos, desentendimentos, discussões e separação dos pais, esses fatores certamente irão prejudicar no processo de alfabetização da criança.

Conclui-se que crianças com boa estrutura familiar e bem atendidas por essa família, tem grandes chances de sucesso no aprendizado e desenvolvimento. O ambiente familiar é a base que sustenta o emocional da criança.

Entende-se também que através do estudo de teorias da psicologia que descrevem o processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil e considerando a BNCC, professores podem orientar-se e assim preparar os conteúdos e práticas pedagógicas que serão utilizados durante o ensino aprendizagem.

Ao professor cabe receber os alunos com afeto, dedicação e estar devidamente preparado para resolver os obstáculos que certamente irá encontrar durante o processo de ensino-aprendizagem além de manter-se constantemente estudando para evoluir, capacitar-se cada vez mais profissionalmente, estando assim sempre apto para compreender as necessidades dos alunos.

A escola deve prover métodos e condições para que o aluno aprenda, acolhê-lo e quando necessário replanejar em benefício da alfabetização de seus alunos. Deve trabalhar a partir do aprendizado que o aluno possui, de forma que ele participe de maneira ativa durante o processo de ensino-aprendizagem. É indispensável que a escola incentive e promova estratégia para o aprendizado de seus alunos.

Além dos contextos citados, e em concordância com Santos (2018), afirma-se que para que as crianças sejam alfabetizadas devem saber o porquê de ler e escrever, função social dessa prática, e ter um profissional capacitado para mediar esse processo.

Os objetivos desse trabalho foram alcançados, aqui se discutiu o papel da família, da escola e do professor no processo de alfabetização. Sempre esclarecendo a importância de cada um e citando os prejuízos das crianças na alfabetização, quando há falhas por parte dos responsáveis e interferência negativa social, cultural e econômica.

Referências

BARONE, L.M.C.; MARTINS, L.C.B.; CASTANHO, M.I.S. **Psicopedagogia: teorias da aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 30 abr. 2020.

CAPOVILLA, A.G.S; CAPOVILLA, F.C. Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível socioeconômico. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto alegre, v.13, n.1, p. 7-24, 2000.

CERISARA, A.B., A psicogenética de Wallon e a educação infantil. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 35-50, jul./dez 1997.

CUNHA, C.A; BRITO, M.R.S; SILVA S.M.F.S. Alfabetização, operatoriedade e nível de maturidade em crianças do ensino fundamental. **Psico-USF**, São Paulo, v.8, n.2, p.155-162, jul/dez 2003.

DESSEN, A.; POLONIA, A.C. **A família e a escola como contexto de desenvolvimento humano**. Paidéia, Ribeirão Preto, v.17 n.36, Jan/Apr 2007.

FERREIRO, E. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/psicologia-da-aprendizagem-metodo-de-ensino-emilia-ferreiro>. Acesso em: 30 abr. 2020.

Mai, L.C., **O processo de alfabetização no contexto escolar**: um estudo com professores gestores. 2010. 62 folhas. Monografia. Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2010.

NETTO, A.P.; COSTA, O.S. A importância da psicologia da aprendizagem e suas teorias para o campo do ensino-aprendizagem. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 216-224, abril/junho 2017.

NOGUEIRA, M.A. **Família e escola na contemporaneidade**: os meandros de uma relação educação e realidade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v. 31, n. 2, julho/dezembro 2006.

PAPALIA, D.E. *et al.* **Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Artmed, 2006.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000

SANTOS, P.R. **Contribuições interacionistas no processo de alfabetização: desafios de letramento nas séries iniciais do ensino fundamental I.** Pernambuco, Editora realize, 2018. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV117_MD1_SA8_ID7020_05092018215758.pdf. Acesso em: 20 de abr. de 2020.

SAWAYA, S.M. Alfabetização e fracasso escolar: problematizando alguns pressupostos da concepção construtivista. **Educ. Pesq.**, São Paulo, v .26, n.1, Jan/June2000.

SOARES, M. B. As Multifacetadas da Alfabetização. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v.52, p.19-24, fevereiro 1985.

SOUSA, M.M de; SARMENTO, T. **Escola – família - comunidade:** uma relação para o sucesso educativo. Lisboa, n.17-18, p. 141-156, 2009-2010.

STIMIESKI, I.T. **A importância da família no processo de alfabetização do educando.** 2010. 35 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SZYMANSKI, H. Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicoeducacional. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 21, n. 2, maio/agosto, 2004.

TABILI, A. F; JACOMETO, MDC. Fatores Influenciadores de Aprendizagem: um estudo de caso. **Rev. Psicopedagogia.** São Paulo. v.34, n. 103, p. 75-86; 2017.

ZIBETTI, M.L.T.; SOUZA, M.P.R. A dimensão criadora do trabalho docente: subsídios para a formação de professores alfabetizadores. **Educ. Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 2, maio/agosto2010.